

**UNS E OUTROS NA LITERATURA MOÇAMBICANA OU
COMO CONHECER UM PAÍS EM SUAS PARTICULARIDADES**

Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega¹

Rodrigo Nunes de Souza²

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.150625

Francisco Noa, atualmente, é reitor da Universidade Lúrio (UniLúrio), em Moçambique. É conhecido, no Brasil e no exterior, por participar de eventos científicos que priorizam a Literatura produzida por seu país de origem e sua relação com o ensino. Doutor em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, atuando como professor, ensaísta e crítico literário, em seus livros, publicados no Brasil pela Editora Kapulana, destaca os mais variados temas que estão, de certa forma, entrelaçados à própria construção literária de Moçambique, tais como a oralidade, o colonialismo, o pós-colonialismo e a transnacionalidade.

Uns e outros na literatura moçambicana dedica-se a analisar grandes obras de seu país, dando relevo, inicialmente, aos constructos literários de uma produção que, segundo o autor, não é longínqua. Ao longo de doze capítulos, Francisco Noa apresenta-nos uma Moçambique plural, cujas obras são representações da construção de sua identidade por meio da tradição literária

1 Possui doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Atua como professora da Graduação em Letras e da Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Coordena os projetos de pesquisa “Recursos expressivos e caráter renovador do lirismo brasileiro moderno” e “O ensino de literatura e o desempenho dos vestibulandos na resolução de questões discursivas da UFCG”.

2 Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (2014). Mestrando em Linguagem & Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande, cuja pesquisa se volta para a representação do feminino em contos de Lília Momplé e Conceição Evaristo na sala de aula, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Marta Nóbrega. É Bolsista do programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

– dando ênfase à tradição oral e, como não poderia deixar de ser, aos escritos que fazem parte da solidificação, por meio da escrita, das diferentes línguas, culturas e transformações moçambicanas.

O livro inicia-se, como de costume, com um prólogo, no qual Noa destaca seu encontro com o escritor brasileiro Jorge Amado, revelando-nos que o baiano foi sua grande inspiração para as Letras, destacando o romance *Jubiabá* como contraponto referencial: para ele, Francisco Noa, o romance de Amado tornou-se a sua redescoberta de origens, que lhe permitiu reinterpretar o seu lugar e o seu mundo, enxergando um novo Moçambique.

Em seguida, adentramos nos ensaios elaborados pelo autor. No primeiro capítulo, Noa, de forma informativa e breve, nos apresenta os trilhos e as margens traçados pela Literatura moçambicana. Apesar de curto, este primeiro contato traz um conteúdo indispensável para se compreender, não só a história da Literatura no país, mas também a gênese da obra: os caminhos encontrados pelos autores e pelas autoras de Moçambique, bem como as margens que ainda permanecem na elaboração dos livros no país. Alguns pontos apresentados pelo autor serão abordados nos capítulos seguintes. É com essa premissa que Francisco Noa inicia o segundo capítulo.

Nesse segundo momento, *O Livro da Dor*, do escritor João Albasini, ganha destaque e Noa enfatiza o quanto a obra ganha um significado especial para a atual produção moçambicana. Publicado originalmente em 1925, a obra de Albasini ganha contornos de evidência no texto de Noa, chegando, inclusive, ao destaque de apelo real, de urgência por retratar, de forma lírica, as situações pelas quais seu país teve de passar até sua independência.

Prosseguindo, teremos, no terceiro capítulo, em destaque uma das marcas mais evidentes nas obras de Moçambique: a identidade. Intitulado “Uma literatura na malha identitária”, neste capítulo seremos levados ao conceito de identidade e como este está presente em obras de escritores moçambicanos. A fim de tornar mais claro, Noa vai nos apresentando, de modo objetivo, as

marcas de identidade mais recorrentes em produções escritas – com destaque as tradições orais, poemas e contos.

Em seguida, no quarto capítulo, a relação entre literatura e realidade ganha destaque. Aqui, o autor relaciona a produção moçambicana com a real situação pela qual Moçambique passou (ou passa) enquanto colônia portuguesa. Para isso, Francisco Noa destacará a obra *Nghamula, o homem mdo tchova* (ou *O eclipse de um cidadão*), destacando ser esse o último romance do autor Aldino Muingana.

No quinto e no sexto capítulos, a transnacionalidade está em evidência, pois o autor destaca as representações desse tema na Literatura moçambicana, relacionando, no quinto capítulo, o conceito às relações de poder que imperam em Moçambique e que, como uma forma de documento dessa realidade, são transportados para as produções literárias. É dando proeminência a essas produções literárias que, no capítulo seguinte, Noa estabelece uma rota entre essa temática e a Poesia produzida em Moçambique.

Dando continuidade à ideia de poder, agora correlacionando-o aos discursos que são retransmitidos em Moçambique, o autor, no sétimo capítulo, destaca a arte de narrar no país. Além disso, Noa também dá voz à ficção moçambicana, dizendo-nos que os discursos criados em torno das mais variadas camadas sociais de Moçambique estão, de certo modo, imbricados à produção em prosa do seu país.

O oitavo capítulo, um dos mais significativos da obra, por ser um tema pouco abordado ao longo do livro, a condição feminina proporciona-nos conhecer a situação pelas quais as mulheres são, muitas vezes, representadas na produção moçambicana. Utilizando-se, para isso, das obras dos escritores José Craveirinha, Aldino Muianga e Clemente Bata, Francisco Noa explora a condição feminina ao mesmo passo que discute, ao lado dessa condição, a marginalidade e a centralidade, nos apresentando como esses autores representam as condições (muitas vezes, vale salientar, de subalternização) das mulheres

moçambicanas.

Moçambique, além de ser um dos integrantes dos Países Africanos de Língua Portuguesa (PAPL), também tem outras línguas faladas no país. O nono capítulo fala, justamente, da contribuição da terra natal do autor ao idioma imposto pelo país que a colonizou. Além de Moçambique, o autor também dá destaque para os outros países que compõem o PAPL – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé Príncipe.

O antepenúltimo capítulo da obra apresentará um diálogo com o título do livro: *uns e outros*. Neste, Noa retoma o tema da identidade, sendo que, agora, outras temáticas próximas são destacadas: a memória e alteridade. Assim como em capítulos anteriores, o autor correlaciona esses três temas à contribuição para a literatura de Moçambique, ajudando, portanto, a solidificar a produção literária do país, dando-nos a impressão de luta e resistência.

No décimo primeiro capítulo, a “Mãe dos poetas moçambicanos” ganha o merecido destaque. Noémia de Sousa, que recebeu essa simbologia materna por ter sido uma das primeiras vozes literárias femininas em destaque no país, bem como por sua contribuição, através de vários periódicos, para a solidificação da literatura moçambicana, recebe a alcunha de **metafísica do grito**. Francisco Noa destaca o caráter revolucionário da poesia da autora, esclarecendo o grito de liberdade de Noémia e do seu povo por meio da literatura. O autor também destaca a obra *Sangue Negro*, única obra da autora e que reúne os poemas de Noémia na imprensa moçambicana, como uma das mais representativas obras de Moçambique.

Percebe-se, aqui, um pequeno deslize do autor: Noémia de Sousa acaba sendo a única mulher-escritora do seu país a ganhar destaque. Com outras vozes já conhecidas nos mais diferentes locais – como Paulina Chiziane, Lília Momplé, Ana Mafalda Leite, entre outras –, o autor destaca apenas Noémia de Sousa e seu *Sangue Negro*. Tal esquecimento não chega a comprometer a importância de *Uns e outros na literatura moçambicana*, mas sua obra poderia

dar voz a outras escritoras, contribuindo, assim, para a quebra do silêncio que ainda persiste na vida e obra de muitas escritoras (nesse caso, moçambicanas).

O último “capítulo” é uma entrevista com o autor. Concedida ao jornalista Isaquiel Cori, repórter do Jornal Cultura, Francisco Noa discorre sobre sua vida, obra e, principalmente, sobre sua atuação como professor em Moçambique – ganhando um destaque a mais sua atuação como discente no ensino superior e reitor.

A obra, cuja primeira edição saiu no Brasil ano passado, pode contribuir para o entendimento em torno da produção africana de língua portuguesa que, apesar de ganhar novos leitores com o passar dos tempos, ainda passa quase despercebida por grande parte dos leitores e pesquisadores brasileiros. Com esse livro, Francisco Noa nos apresenta diferentes particularidades de Moçambique, o que facilita o entendimento em torno da produção desse país, cujas obras de alguns autores estão publicadas aqui, em solo brasileiro, mas que podem suscitar dúvidas em torno dos aspectos linguísticos, culturais e sociais de um país que conseguiu sua independência há pouco tempo.

Portanto, *Uns e outros na literatura moçambicana* é uma ótima pedida para preencher uma das muitas lacunas que ainda existem no que diz respeito à Literatura de Moçambique. Merece destaque, também, a Editora Kapulana, que vem se dedicando, no Brasil, a publicação de obras dos mais variados(as) escritores(as) moçambicanos(as). Além desta obra, Francisco Noa também teve os livros *Perto do fragmento, a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo*, vencedor do Prémio BCI de Literatura, em 2014, e *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*, resultado da tese de doutorado do autor, ambos publicados pela mesma Kapulana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios*. São Paulo: Kapulana, 2017.

Submissão: 27/09/2018

Aceite: 11/12/2018